

Notícias de Guimarães

Ano 15.º N.º 756
 GUIMARÃES, 6 de Outubro - 1946
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

OLHA!, MEDITAI NO CEGO QUE PASSA!

No roteiro do cego há caminhos escavados, turcicolos. Depois, é a estrada. Por esses trilhos invios todos os dias passa o cego, vindo lá do seu lugar de Espindro a Campelos, e de Campelos seguindo a rota da cidade.

Mergulhado na treva da sua noite sem fim, o cego caminhar vai de porta-moneta ao tiracolo, tateando com a sua bengala branca o chão incerto que pisa.

Compassadamente, num andar sempre igual, quase rítmico, o cego caminha, ajudado pela sua audição e tacto; dois sentidos que nele atingiram a mais perfeita acuidade.

Quer chova, quer faça sol, o cego passa, inalteravelmente passa os trilhos da sua jornada, defrontando os atranquilhos dos caminhos, o risco dos carreiros, a distração das gentes, as inclemências do tempo.

Portador contratado do correio rural, recadeiro solícito, ele é nestes tempos de viação acelerada, o mala-posta, o estafeta singular que, de olhos sem luz, dá conta da sua missão de utilidade pública, na mais perfeita e integral ordem, como se fosse um ser humano a quem o primeiro dos sentidos — a vista dos olhos — não faltasse.

Vai o cego calcuando os seus caminhos a pé, guiado pela sua bengala que a mão esquerda empunha, atento, vivamente atento ao cadenciado movimento dos seus passos, pois é à agudez do seu órgão auditivo que o cego vai buscar a ajuda de que tanto carece para suprir a cegueira, que nele é de nascença.

Não tem este cego, como tantos outros, uma criança que o leve pela mão, um cão fiel que o guie; e, contudo, ele dá plena conta de si, vencendo os caminhos, desviando-se dos perigos, atravessando a cidade, mercando nas lojas, subindo às repartições, dando recados, entregando cartas, recebendo encomendas, pagando contas, conferindo trocos, cumprimentando, conversando, dizendo graças, com um sorriso nos lábios e um deslumbramento de luz nas janelas dos olhos eternamente apagados!

Contemplando tanta vez este cego, que todos os dias vem de Campelos à cidade, a primeira nota emotiva que me desperta é a sua expressão de um semblante claro, alegre, vivaz. E logo me vem à mente aquela quadra popular que, em seu dizer, faz distinção entre o cego que nasce cego, e aquele que já tivera vista e cegou:

*Os cegos que nascem cegos
 Passam a vida a cantar;
 Eu cego, que tive vista,
 A vida levo a chorar.*

António Pereira, o cego de Espindro, nasceu cego. Nunca viu. Daí a sua natural expressão risonha, de criatura feliz. Direi melhor: de criatura conformada.

Ele não requiere, por isso, a nossa piedade, a nossa comiserção, a nossa lástima. Apenas tem direito, pleno e perfeito direito, à nossa simpatia.

Este cego, que trabalha, que é útil, que não pesa à família ou à sociedade, como tantos



O António Pereira

valores negativos, é todo ele um edificante exemplo pela singularidade da sua vida.

Quando ele passa, tateando com a sua bengala o chão que pisa, sente-se naturalmente, por uma curiosidade intelectual, o desejo de ouvir dele — como lhe é possível vencer a cegueira dos olhos, realizando, praticando o exercício da sua missão de correio rural!

E o António Pereira, quando se a ouvir-me, logo tem para o trabalho este panegirico:

— «Desde criança que trabalho. Até aos 16 anos, ajudei à lavoura. Puchava os bois, guiando os. Em tudo era quase igual aos mais...»

Só em uma coisa ele, o António, era diferente: era no jeito para a música. O seu ouvido, admirável receptor, requintara-se. O seu sentimento musical abrangera, em gosto, uma série de instrumentos. Por intuição, por gosto, o António sabe tocar rabeca, harmónio, viola, violão, cavaquinho.

Com estas prendas, estava indicado que tomasse parte nas festas, nas tocatas da sua aldeia.

A rabeca é o seu instrumento favorito. Como tal, o António é figura indispensável nesses grupos do folclore regional.

Atento, como nenhum outro, à harmonia do conjunto, ele marca o compasso aos tocadores menos seguros. A voz dos cantadores, segue atrás do ritmo da sua arcada. Os próprios pares dançantes, animam-se ao brilho do seu instrumento, que ele acaricia, colocando-lhe o ouvido num afaço feminino.

Um dia, melhor direi, uma noite, estava o António na sua aldeia junto de outros moços, zaragunchando em violas. Um momento, foi preciso afinar, regular as cordas nas caravelhas.

— Vai-se buscar um lampeão! diz um tocador aprendiz.

— Não faz minga! intervieo o António.

E o cego, na sua imensa noite escura, afinou as violas tresmalhadas, que os outros moços, de olhos abertos e candeia acesa, não lograriam afinar.

Razão é porque o António,

guiado por esses dons excepcionais que a Natureza concede aos cegos de nascimento, tem ido e vai a toda a parte, pelo seu pé, desacompanhado de guia — para levar um correio, fazer um recado, ir tocar numa festa.

Ele mesmo me contou como soube ir a várias terras: Póvoa, Braga, Porto, Viana, Vizeu, Coimbra, Espinho; e até já uma vez foi a Lisboa, embora dessa feita não desamparasse o seu bando, que era o rancho de uma festa.

Mas o que é extraordinariamente prodígio, é o modo como distingue as rectas das curvas; como mede as distâncias; como alcança os lugares para onde se dirige; como se desvia dos carros; como evita os ciclistas; como sabe a topografia do terreno... e tantas e tantas coisas mais que alcança objectivar, aprender e distinguir!

Sem outro cicerone que a queila auditiva, aquele tacto, tão peculiares aos cegos natos — tais recursos são, em verdade, fenómeno estranho para a nossa vulgar percepção.

Dir-se-ia que a imagem das coisas as vê o cego por efeito de uma visão interior, e as sente, e as adiuinha, por obra e graça de novos sentidos.

Anda à borda de 40 anos a idade do António Pereira — o cego de Campelos. Não tem vivos os seus pais. Na família teve outros cegos. E' sóbrio. Bem comportado. Benquisto de todos. Gosta de vestir com decência. Tem vivo interesse pela leitura, que ouve no maior recolhimento. E' pela sensibilidade, um artista.

Já cantou ao desafio, e mesmo à desgarrada. Bateu-se com a cantadeira de Balazar, a Rosalina — que é de trus, para cantar com quem saiba. Andavam combinados, e apreciavam nas esfolhadas e romarias. A' sua volta fazia-se um mar de povo. Um ror de gente, que gostava de ouvir.

Uma certa maré, cantou o António à Rosalina:

*Não te amo um só dia,
 Nem por uma só semana;
 Amo-te por toda a vida...
 Ou meu coração se engana!*

Vai ela, lhe mandou em despique:

*Gosto muito de te ouvir,
 Esse teu lido cantar;
 Bem quisera eu saber
 Se cantas p'ra me enganar.*

O António contava então 22 anos. Foi na Póvoa do Mar, na Rua do Zé Malgueira, que o primeiro encontro se deu. Pois ainda hoje o António traz à lembrança esse tempo, com saudade.

Ai, que se ele a pudesse ver com os olhos da cara, como a via com os olhos da alma!

E este fluido de simpatia que brotou de um para o outro, foi alimentado por um caudal de cartas. Em 13 anos de relações, trocaram-se 423 cartas. Um romance epistolar!

Com o ciclone de há anos, a casa humilde de seus pais fôra atingida, desaparecendo na borrasca esses elementos, onde talvez se topasse algum capitulo curioso de novela amorosa.

Eai prol das Casas de Assistência

VAI REALIZAR-SE UM NOVO

CORTEJO DE OFERENDAS

«Daqui a pouco mais de um mês, no segundo sábado do próximo mês de Novembro — no dia 9 — vão as freguesias que constituem o chamado Centro de Vizela, 20 freguesias do nosso laborioso Concelho, no número das quais estão aquelas que compreendem alguns dos pontos mais industriais, realizar um Cortejo de Oferendas, para a nossa Misericórdia e demais casas de Assistência, que bem precisam do carinhoso auxílio de toda a gente para que possam continuar a nobilíssima missão que as determinou, protegendo crianças, cuidando dos doentes, amparando os velhos e os inválidos.

Os trabalhos da organização de mais esta jornada de bem fazer iniciaram-se já, sendo de esperar que todos os habitantes das referidas freguesias, na medida do possível, dispensem à causa dos pobres a sua melhor atenção, interessando-se o mais que possam por aquela nobre campanha.

5 DE OUTUBRO

Passou ontem mais um aniversário sobre a gloriosa data da implantação da República Portuguesa, motivo por que estiveram encerrados os edifícios públicos e foi evocada saudosamente a memória de todos aqueles que lutaram pela liberdade e souberam bater-se pelo ideal nobre sacrificando-lhe a sua própria vida.

A bandeira nacional flutuou nos edifícios públicos, tendo-se realizado na capital as costumadas solenidades comemorativas de tão histórico acontecimento.

Mudança da hora

Como foi superiormente determinado os relógios foram atrasados a noite passada 60 minutos. Começa deste modo a vigorar a hora de inverno.

Dr. Alfredo Bravo Médico

Doenças da Boca e Dentes
 Ausente durante o mês de Outubro

Ai, se o António pudesse ver com as meninas dos seus olhos, os olhos da sua menina!

Um dia, disseram-lhe que o Dr. Melo Tavares, do Porto, dera vista a dois cegos. Logo o foi consultar, alvoroçado de confiança.

Mas a cegueira do António não tinha remédio.

Paciência!

Ele continuaria, confortado, na sua jornada de correio rural. Todos os dias, de Campelos para a cidade — enquanto Deus lhe der vida e saúde! — o António, de Espindro, continuará a dar-nos o grande exemplo da sua vida admirável.

Quinta de Pedominho.

A. L. de Carvalho.

Cardeal Patriarca

De regresso da sua triunfal viagem ao Brasil, onde assistiu à inauguração da Universidade Católica de S. Paulo, como hóspede de honra do Governo Brasileiro, regressou a Lisboa a bordo do «Serpa Pinto» o Senhor Cardeal Patriarca, Dom Manuel Gonçalves Cezeira que deste modo e através da Rádio transmitiu ao país as suas impressões de viagem:

— Não quero ocultar a alegria que sinto ao encontrar-me de novo em Portugal, após uma viagem em que nunca deixei de o ter dentro de mim.

Trago, é certo, os olhos mais uma vez encantados com a beleza da terra brasileira, e o coração cativado com as atenções da sua gente (autoridades e povo). Julgo que também ele vem dentro de mim.

Volto do Brasil mais português — neste sentido de que melhor compreendo —, depois de ter tornado a contemplar o que os portugueses lá têm feito até hoje, a grandeza histórica de Portugal.

Digo grandeza histórica, mas não quero dizer grandeza que seja só do passado. Os portugueses de hoje continuam a epopeia de trabalho, de progresso e de benemerência dos que os precederam. E não faltaram lá bocas de brasileiros ilustres a fazerem, a propósito da minha presença, o elogio do Portugal renovado.

E até me parece que nova missão providencial lhe está reservada nos nossos tempos devastados por tantos e tão desencontrados ventos de destruição e morte dos valores humanos e cristãos. Algumas vezes fui saudado expressamente como o «embaxador de Nossa Senhora de Fátima». Sentia que o prestígio mundial, cada vez maior, do milagre de Fátima, envolvia a minha pessoa, e além dela a nossa Pátria.

Não nego, haja vozes discordantes. Mas na tremenda descriminação do presente, em que como na bíblica história da confusão das línguas, do episódio de Babel, os homens se não entendem sobre o sentido das palavras que pronunciam, justiça, direito, liberdade, democracia, condenando alguns nos outros como crime o que praticam como sistema, ou defendendo, como propaganda no exterior o que negam e destroem com mão de ferro no interior de densa cortina intransponível — as almas sedentas de verdade, de amor, de paz, começam a olhar para Fátima como estrela de esperança que surgiu no céu de Portugal.

Com a desorientação de ideias sãs (como as que disse há pouco) e que entouqueceram, tornando-se necessário primeiro que tudo esclarecer as consciências (e só a luz de Cristo o conseguirá cabalmente), com aquela desorientação, coincide, a exacerbar o mal estar e a azedar as almas, a insuficiência dos artigos mais essenciais à vida.

Penitência que se pode chamar universal, imposta pela Providência divina ao nosso orgulho a fim de o encaminhar à organização duma economia humana e cristã; penitência que só pode ser superada pelo exercício das virtudes cristãs da mortificação e da caridade, mortificação para aceitar com resignação o que falta e caridade para distribuir com largueza o que sobra e até alguma coisa do que não sobra.

Venho dum país, que é empório de riquezas inesgotáveis — um dos mais ricos do Mundo. Mas o pecado dos homens desconjuntou a máquina da economia das nações. E até lá, onde a terra é imensa, e o solo contém terrenos de ouro e pedras preciosas, até lá, as mundiais dificuldades da vida e insuficiências das coisas se fazem duramente sentir.

Que quero eu dizer, nestas breves palavras de saudação, ao regressar do Brasil? Quero dizer que uma grande esperança de salvação para o mundo todo se levantou na terra portuguesa de Fátima.

Essa esperança implica o respeito dos homens à luz e à prática do Evangelho — depois desta convulsão uni-

versal, que foi mais uma prova doa abismos de dor, angústia e escravidão a que leva o desprezo voluntário da lei de Deus.

Esperemos que, com o saneamento dos espíritos na luz de Cristo, e o arrefecer das paixões — pouco a pouco se estabeleça o clima social em que possa tranquilamente assegurar-se a cooperação de todos os homens de boa vontade, e assim a das nações, na obra de elevação económica, social, cultural e política dos homens e das sociedades. Por outras palavras, no reinado da justiça, do amor, da liberdade e da paz entre os homens.

E quero também dizer que esta esperança para o mundo a estendo especialmente ao Brasil. E' o Brasil já hoje, territorial e populacionalmente, a maior nação católica da terra.

No santuário da Aparecida, do mais íntimo da alma roguei à Virgem Santíssima, Padroeira do Brasil, que ela estenda o seu manto protector sobre a grande nação irmã — para que ela seja luz, alegria, força e glória de Deus no mundo.

A Praça de Touros

vai ser demolida para se

proceder à sua reconstrução

Mercê da boa vontade e isenção de interesses que o nosso prezado amigo Sr. Eduardo Torcato Ribeiro encontrou por parte dos restantes sócios da Empresa da Praça de Touros — os também nossos prezados amigos Srs. António Pimenta, Bráulio Teixeira Carneiro e Joaquim Larangeiro dos Reis — vai em breve proceder-se à demolição da Praça de Touros para em seguida se poder fazer, a expensas do Sr. Eduardo Torcato Ribeiro, a sua reconstrução em bases sólidas, por forma a oferecer ao público a maior segurança.

O Sr. Eduardo Torcato Ribeiro tomando à sua inteira responsabilidade a construção e exploração da nova Praça de Touros de Guimarães, quer dar cumprimento a uma promessa feita na Penha, na noite do dia 29 de Agosto a quando do jantar que o respeitável Presidente de Honra das Festas Gualterianas se dignou oferecer a todas as pessoas que trabalharam em prol das mesmas Festas. Por sua vez o Sr. António Pimenta, não podendo, pelos seus grandes afazeres e muito principalmente por falta de saúde, continuar a fazer parte da referida Empresa quis demonstrar claramente que deseja a continuidade do funcionamento da Praça de Touros para cuja construção, há mais de um ano, muito contribuiu, a ele se devendo, portanto, em grande parte, o melhoramento que a já mencionada Empresa ofereceu então à cidade.

Quanto aos Srs. Bráulio Teixeira Carneiro e Joaquim Larangeiro dos Reis — dois incansáveis trabalhadores a quem em muito se deve o êxito alcançado nas corridas realizadas ao ano passado e este ano — sabemos que continuarão a prestar ao novo Emprezaário, desinteressadamente, o seu muito útil e indispensável concurso.

Um e outros — o Sr. António Pimenta e os Srs. Bráulio Teixeira Carneiro e Joaquim Larangeiro dos Reis — num gesto que muito os dignifica e merece muitos louvores, abstêm-se de receber quaisquer proventos provenientes do funcionamento da Praça nos anos de 1945/46, o que significa a sua inteira concordância com o arrojado empreendimento do Sr. Eduardo T. Ribeiro.

Assim, congratados todos os esforços e boas vontades daqueles quatro cavalheiros a quem se devem os espectáculos admiráveis que nos foi dado presenciar nas Festas da Cidade destes dois anos, vai erguer-se a nova Praça por iniciativa do nosso amigo Sr. Eduardo Torcato Ribeiro.

Felicitemos muito sinceramente os Srs. Eduardo Torcato Ribeiro e António Pimenta, assim como os Srs. Bráulio T. Carneiro e Joaquim Larangeiro dos Reis, pelo bom termo a que chegaram nas suas demarches que, alicias a interesses pessoais, foram sempre norteadas pelo progresso e engrandecimento de Guimarães e queremos, interpretando o sentir das pessoas que se interessam por esse progresso e pelo crescente engrandecimento, louvar uns e outros que nos deram mais esta prova de bairrismo que aqui deixamos registada para conhecimento e para estímulo.

Beneficência do «Notícias»

Transporte	4.660\$00
Anónimo, em sufrágio da alma de sua esposa	100\$00
A transportar	4.760\$00

Contemplámos famílias muito necessitadas.

TERCEIRA E ÚLTIMA CARTA ABERTA

Laura: Em que pensarás tu a esta hora?

Parece-me ver-te à janela do teu quarto, interrogando com o olhar nostálgico essa eterna interrogação que é o mar...

Relembra-te?... Faz anos que nasceu o teu primeiro filho. Eu, que estava noiva, ajudara-te na confecção do enxoval e sentia desabrochar no coração a divina flor da esperança! Enquanto as minhas mãos acariciavam as rendas, cambraias e as flanelas que deviam agasalhar o corpinho cor-de-rosa do infante desejado, cismava, comovida, no momento em que recorrerias ao teu auxílio para igual tarefa! Não foi preciso. O destino falta sempre ao que me promete!...

Choras, minha amiga? Também eu choro. Não se revolvem as cinzas do passado sem as orvalhar de lágrimas. A saudade tudo transfigura, e à distância, até as recordações dolorosas têm uma doçura infinita.

Voltemos ao presente...

Quase finda a minha vilegiatura, dentro de uns poucos dias estarei a teu lado vendendo borboletar os teus pequerruchos. Já estou com certo receio do Raul que quer à viva força que eu desencante a moira de Soutelo para enfeitar a árvore de Natal com os doirados cabelos da pobreza... Tiranelas... Como ele se revela e dá mostras do que há-de vir a ser... E, afinal, nem mais nem menos do que os outros, porque não é preciso ser muito mau para fazer muito mal e os bons, às vezes, ainda são piores... Quantos, sem intenção de lesar, desfalam irremediavelmente o quinhão da felicidade alheia... Depois do desencanto, o que resta, quase sempre? Uma triste mulher amarrada pelos cabelos à árvore morta das suas ilusões...

... Diz ao Raul que não conte com a moira!...

Preferia levar-lhe, se pudesse, esta esperta chibba baptizada por mim com o nome de Estrela em atenção à graciosa mancha que lhe alveja entre os chifreiros que mal apontam. Eu e a Estrela somos amigas. Afago-a, e ela aceita as minhas carícias com certa deferência. Como é grata, não esquece o episódio que romanizou o nosso primeiro encontro:

Andando a passear perto do cemitério lobriguei, preso a um silvado, o simpático animalzinho. Berrava desalmadamente! Mais adiante, presa também, uma grande cabra — salvo o devido respeito... — soltava dilacerantes «més». «Mãe e filha», deduzi facilmente. E tratei de desembaraçar a chibba que partiu como

uma seta em direitura à mãe, sendo recebida com entrecoradoras demonstrações de carinho e fartamente recompensada da forçada abstinência. Disseram-me depois que fiz mal — vá lá a gente ceder aos impulsos do coração!... — porque a Estrela completara dois meses e estava em muito boa idade de ganhar a vida e deixar de sugar o úbere materno. Fosse como fosse, eu dei-me por contente com a cena que presenciei e, por uma súbita associação de ideias, pensei com desgosto, em algumas mães que voluntariamente privam os filhos do alimento próprio — mães desnaturadas que eu não comparo às cabras para as não ofender — para não ofender as cabras, percebeste?... Pois minha amiga, estou deabalada e não posso jurar que parto sem saudades: A fonte de Soutelo, os pinheiros do Cabeço Montoiro, Olivais, a ponte de ferro, a capelinha de S. Sebastião, os cachos do Vale de Junco, os arrozais fulvos cortados pelos filetes prateados dos vales... Sim, levo saudades!... Saudades e remorsos, Laura!

Lembras-te daquele juvenil rouxinol que se ensaiava numa árvore vizinha?... Não sei quem lhe meteu no bico as minhas inofensivas ironias, mas bateu as asas, levantou vôo e foi gorjear para outra freguesia... Confissão tácita ou significativo protesto?... Quem tem a consciência tranquila não foge: contudo, se o melindroso passarito estava realmente inculcado, porque se não abriu comigo entrando em explicações?... Se me convencesse da sua inocência, eu não hesitaria em me retratar perante os meus contemporâneos recuperando e restituindo-lhe a estima que, por ventura, as minhas insinuações lhe houvessem cerceado...

Um abraço e até breve. Pela cópia Lavínia. Ludovina Frias de Matos.

Emprestimos sobre Hipoteca

Agência em Guimarães da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência. Contratos em conta-corrente a juro de 2% ao semestre ou Contratos a longo prazo, com liquidação a prestações. ESCRITURAS NESTA CIDADE. Pedir informações sobre empréstimos com caução de títulos.

de si! Sim, se a tivesse... daria que fazer ao corpo! Pedalar rua acima... pedalar rua abaixo... virar à esquerda... ir até ao largo e pedalar em volta do coreto enquanto a banda tocava uma... raposa?

Raposa? não. Como se chamava aquela música que o padrinho tanto gostava de ouvir? Ra...p...sódia! Acertara. Seria, realmente, um ideal ter uma bicicleta. Mas... a mãe não se resolvia a dar-lha. Dizia-lhe que sendo tão indolente como era, não merecia ser premiada. Se trabalhasse, talvez viesse a ter o fruto do seu esforço... Mas trabalhar, ele? Até lhe fazia impressão ver os outros em actividade... que não fosse a de pedalar uma bicicleta!

Um dia, ao lusco fuscio, quando a mãe regava uns lindos gerânios que, em vasos, alinhavam um arruamento do seu jardim, Artur, com as mãos nos bolsos e uma expressão muito enjoada, exclamou: «Que grande maçada!» Sorriu em ar de mofa, e juntou: «Porque é que a mãezinha tem tanto cuidado com as flores?! Podia evitar o trabalho de as regar...»

A mãe olhou-o tristemente, e respondeu: «Não gostarias que te matassem à sede, Artur? Não gostarias que te

CONTRASTES!...

Actividades Municipais

Não nos passou despercebido o plano de actividades municipais para o próximo ano, assim como o Relatório que o precede, um e outro apresentados pelo senhor Presidente da Câmara ao Conselho Municipal, na sua recente reunião. Por afirmações constantes do referido Relatório, o magno problema de abastecimento de água à cidade, vai, enfim, ter o seu início e, portanto, a sua conclusão — conforme o afirma o senhor Presidente — deverá ser rápida e eficaz. Bom é que assim seja, isto é, que se passe da promessa à realidade, atendendo a que se trata de um problema que já não permite novas fases de adiamento. No corrente ano, por acaso, as torneiras celestiais não fizeram greve, mas esse caso excepcional não é motivo para a população vimaranense continuar a viver só de esperanças. Entendemos, pois, que, de facto, o problema n.º 1 é o da água. Também registamos com muito agrado a justiça que se procura fazer às freguesias rurais, no que respeita à satisfação das suas necessidades mais urgentes, entre as quais: abastecimento de água, vias de comunicação e electrificação, não sendo esquecido o problema escolar, embora, quanto a este, gostássemos de ver verbas mais avultadas para os fins indicados no citado plano. Porém, como a Roma e Pavia não se pode ir num só dia, o futuro irá resolvendo as restantes necessidades, isto é, as que continuarem a subsistir. Quanto a outros melhoramentos — e alguns de grande importância — igualmente folgamos com a sua realização, quer nos que beneficiam a cidade, quer nos que vão satisfazer justas aspirações dos habitantes de Vize-la, Taipas e Pevidém. E de resto, fechamos estas ligeiras considerações com a transcrição das seguintes palavras do senhor Presidente do Município, referindo-se ao plano das actividades municipais: «Tudo que nele foi incluído é para realizar-se no ano de 1947, custe o que custar; é este o desejo desta Câmara».

E nós acrescentamos: E é este, também, o desejo de todos os vimaranenses, que aspiram pelo progresso da sua Terra!

Sem opinião em contrário

Numa recente reunião em Lisboa, no Ministério da Guerra, o senhor Governador Militar daquela cidade referiu-se ao problema — de cada vez mais agravado — da habitação, do sustento da família e da educação dos filhos, fazendo sobre esses assunto as considerações que julgou mais oportunas e perante o que Sua Excelência o senhor Ministro da

Guerra disse ter exacto conhecimento das dificuldades com que lutam os servidores do Estado, concluindo por afirmar que todos poderiam estar seguros de que a solução possível viria e que, por isso, todos poderiam confiar em melhores dias.

Sem dúvida, que os Servidores do Estado, salvo poucas excepções, vivem em desesperada situação económica, visto que a compensação que tiveram nos seus vencimentos se encontra muitíssimo desproporcionada em referência ao agravamento da vida. E se é justo, e até necessário, que aos Servidores do Estado — Civis ou Militares — seja exigido o rigoroso cumprimento das atribuições que lhes estejam confiadas, justo e necessário é, também, que os mesmos vivam em condições de não serem obrigados a desviar a atenção dos seus deveres profissionais para pensarem no pagamento da demasiada renda da casa, nos processos como não-de ocorrer ao sustento da família, à educação dos filhos e, ainda, a vários imprevistos, como a doença, etc. Evidentemente, que semelhante situação não prestigia o próprio Estado, porque ela é portadora da miséria e do desespero. Oxalá, pois, que não demorem os melhores dias, nos quais o senhor Ministro da Guerra aconselhou a confiar.

FARPAS

A faina agora é geral. Todo o vinho e cereal Passa às mãos do lavrador P'ra depois d'arrecadado Ser enfim manifestado Conforme as leis em vigor.

DIZEM que a produção Do milho que vai dar pão Vai ser rica, grande e boa! Que com colheita tão boa Vai existir muita b'roa Sem ser "fiaga", e amarela...

E que a questão vincula No presente ano agrícola Vai ser muito melhorada. Que os vinhos vão ser baratos E, por isto, o "mata-ratos", Não deve cá ter entrada.

Que não vai ser aprovado Que o nosso seja comprado Como foi, em quantidade, Pelo rico taberneiro Que o vendeu ao parceliro E estoleu a humanidade...

Será isto p'ra valer Ou é só para entreter O pobre e humilde Zé! Estou tão habituado A viver esperançado Que, por vezes, perco a fé!...

Esperemos pelas provas. Que nestas colheitas novas O lavrador anda lesto E que o nosso produtor Mostre que nos tem amor "Dando tudo ao manifesto".

Darmoza.

do chega ao momento em que não há carinhos nem cuidados que dêem ânimo e vida! «E por isso, aquelas rosas estão murchas...» Sim, só por isso. Faz-me tanta pena ver-las assim! Parece-me que estão a gemer e a chorar... No entanto, ainda há dias me sorriam, me alegravam, cantavam comigo:

As flores do meu jardim, São tão lindas e formosas! Mas, entre todas, p'ra mim, As mais belas são as rosas!

Agora não podem cantar... todas, outras virão alegrar-me, e mais bonitas, talvez, se eu continuar a ser uma boa jardineira. A mãe de Artur suspirou, matou uns bichinhos de conta que encontrou num vaso belamente florido, e juntou:

«A minha saúde não é lá muita... e não sei por quanto tempo poderei fazer certos trabalhos!» «Por essa razão é que eu não queria a mãezinha estivesse a cuidar das flores...»

«Se as tratares em vez de mim!...» «Eu?» — perguntou Artur arregalando tanto os olhos que quase reagou as pálpebras. «Sim, tu. Porque não? Vê como

Guimarães

e as suas Instituições de Cultura

Conclusão do número anterior

A par deste movimento de Alta Cultura, manifestado não só nas aludidas conferências mas em publicações científicas de incontestável valor (por exemplo, a «Homenagem a Martins Sarmento», obra comemorativa do centenário do nascimento do arqueólogo, publicada em 1933; a conhecida colectânea «Vimaranis Monumenta Histórica»; a reunião em volume dor artigos «Dispersos» de Sarmento; o formoso Volume Especial da REVISTA DE GUIMARÃES, comemorativo dos Centenários de 1940, nas notáveis escavações arqueológicas que tem realizado, na publicação persistente de uma Revista de preciosos estudos locais, que já conta 50 volumes — não tem a Sociedade descurado também a instrução das classes populares. Nas suas salas de leitura são diariamente facultados ao público os livros da Biblioteca, numerosas revistas nacionais e estrangeiras de variados ramos de conhecimentos, e muitos periódicos de todo o País.

O ensino primário é frequentemente estimulado, quer com prémios anualmente distribuídos às crianças mais aplicadas e aos professores mais distintos das escolas do concelho, no dia do aniversário natalício de Martins Sarmento (9 de Março), quer no auxílio dispensado à criação de novas escolas, quer em cursos elementares técnicos e profissionais, diurnos ou nocturnos, para operários, que a própria Sociedade, em várias épocas, criou e manteve à sua custa. Foi, inclusivamente, a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO a precursora da propagação da instrução prè-militar no nosso País, iniciando, logo nos primeiros anos da sua fundação, um curso especialmente destinado a ministrar essa instrução à juventude das

escolas; era o germe, por assim dizer, de sua bela realidade de hoje, a «Mocidade Portuguesa», organismo cívico que devemos considerar como que a cúpula da Revolução Nacional!

A Sociedade se deve também o grande impulso dado para a criação da ESCOLA INDUSTRIAL e do LICEU DE GUIMARÃES. A ela temos de atribuir ainda a iniciativa e o êxito da 1.ª Exposição Industrial realizada nesta cidade, em 1884.

Em suma: é longa e vastíssima a folha de serviços que a notável Colectividade científica tem prestado à instrução pública, justificando amplamente a legenda que inicialmente tomou por divisa — «Promotora da instrução popular no Concelho de Guimarães».

O Estado tem reconhecido o seu admirável esforço, louvando-a em Portarias de 1882, 1901 e 1940, considerando-a Instituição de Utilidade Pública em 1926, e concedendo-a com a Ordem de Santiago da Espada em 1931. Mas não bastam os títulos honoríficos. É urgente que o Governo subsidie esta benemérita instituição com as dotações necessárias para a rápida conclusão das obras no edifício da sua sede (iniciada há 38 anos!), a fim de que as suas dependências e serviços possam oferecer uma organização irrepreensível e uma apresentação modelar. Bem o merece a Colectividade vimaranense, que pode ser considerada uma das primeiras do Norte do País e que, na sua obra já tão vasta, só tem pretendido dignificar a Cultura Portuguesa e honrar o nome ilustre de uma das mais altas figuras nacionais — o sábio de reputação europeia que se chamou Martins Sarmento.

Mário Cardoso.

Eternamente!...

[Publica-se novamente por ter saído errado no número anterior].

Eu hei-de recordar eternamente, Os teus olhitos cor de azul celeste, De suavidade angélica, inocente, Que tantas vezes para mim volveste!...

E, neste recordar doce e pungente, (Rosário de Dor! Calvário agreste!) Eu quero reviver sentidamente, Vigílias de canseira, que me deste!...

O' minha fada loira, amor perdido, Tesouro desejado e prometido, Que o meu pequeno lar desvanecia,

Pudesses tu, no pó da sepultura, Em paga deste amor que em mim perdura, Sobre o meu peito repousar um dia!...

Setembro de 1946.

MENDES SIMÕES.

Aviso ao Público

Para os devidos efeitos e de conformidade como determina a lei, a EMPRESA JOÃO FERREIRA DAS NEVES avisa o Ex.º público que inicia a sua carreira das 8,35 horas para o Porto, com regresso às 17 horas, no dia 14 de Outubro do corrente ano.

A Gerência.

Artur e as flores

Por ISAUARA CORREIA SANTOS.

Artur era bom rapazinho, simpático e amável, mas tinha um grande defeito: era indolente.

A mãe vivia desgostosa, por esse motivo, pois sabia quantos vícios a indolência alimenta e, por conseguinte, antevia o futuro do filhinho ameaçado por desditas e dissabores.

O pequeno Artur tinha preguiça de fazer o menor trabalho. Sempre que lhe mandavam fazer qualquer coisa, torcia o nariz (consequia po-lo feio!) e estendia o beicão inferior tanto, tanto, que quase lhe chegava a uma graciosa covinha que tinha no queixo!

Mas se o não mandassem fazer coisa alguma, então, sim, era amável e simpático. Sorria, cantarolava, tentava imitar os melros e, por vezes, também os galos e as galinhas. Mas trabalhava? Oh, isso não! O seu corpinho só gostava de cama, de umacadeira fofo, e de dar pequenos passeios.

No entanto, se tivesse uma bicicleta igual à do Aécio — aquele «bichinho de sorte», como ele chamava a esse pequeno ciclista que morava de frente

dessem água a beber se Deus te não concedesse a ventura de a poderes procurar livremente? «Lá isso, gostava...» «As plantas também têm sede, Artur.

Como sabes, por umas explicações que te dei, elas também vivem — e da sua vida colhem nos elementos indispensáveis para viver.» «Lembro-me de me ter explicado isso na quinta do tio Francisco...»

«E deves lembrar-te que disse ainda, então, que as plantas também respiram e se alimentam sugando, através da raiz, certas substâncias que a terra lhes dá — com o auxílio do homem ou somente com o auxílio da Providência.»

«Por acaso, não me esqueci de nada disso...» disse Artur, bocejando e enfiando mais profundamente as mãos nas algibeiras das calças que, por esse motivo, começavam a estar puidas.

«Nesse caso, maior censura mereces por me teres falado como falaste acerca da rega das flores...» A mãe suspirou e prosseguiu:

«Oh, filho, quem dera que amasses a floricultura tanto como eu amo!

Vês aquelas rosas vermelhas e aquelas outras amarelas? Estão murchas, mas a culpa não é minha!... Tudo na terra tem um fim. A todos e a tu-

as flores são lindas! E dão-nos tanto, tanto, em troca do que lhes damos!»

«E a mãezinha o que me daria em troca do meu trabalho?»

«Nada! As flores é que te dariam a recompensa. Dar-te-ia perfume, cor, alegria... e talvez o Menino Jesus te trouxesse pelo Natal...»

«O quê?» «Talvez uma bicicleta... quem sabe? Mas o melhor é trabalhá-las só com o fito de me ajudares e de fazeres as flores rir e viver, e não chorar, de dor, ante a doença ou a morte prematura...»

Artur deu um estalinho com a língua e disse: «Oh, a mãezinha sempre tem cada ideia! Bem sabe que não tenho paciência para fazer esse serviço que me roubaria muito tempo.»

«Roubar-te-ia tempo? Mas esse tempo seria útilmente aproveitado, meu insensato.» Matou uma lesma que estava mesmo no olhinho de um amor perfeito, e prosseguiu:

«Por cada flor que desabrochasse, se tu fosses o meu jardineiro, dar-te-ia um grande beijo nos cabelinhos ou nos olhos...» Olhou-o com ternura e perguntou: «Até já, mãezinha» — disse, e entrou em casa.

Continua.

NUREMBERG

O TRIBUNAL DE NUREMBERG, em que foram julgados, nos últimos nove meses, os maiores criminosos de guerra, pronunciou, no pretérito dia 1, as seguintes sentenças:

Goering, morte por enforcamento; Rudolf Hess, prisão por toda a vida; Ribbentrop, morte por enforcamento; Keitel, morte por enforcamento; Kaltenbrunner, morte por enforcamento; Rosenberg, morte por enforcamento; Frank, morte por enforcamento; Frick, morte por enforcamento; Streicher, morte por enforcamento; Funk, prisão por toda a vida; Doenitz, 10 anos de prisão; Raeder, prisão por toda a vida; Schirach, 20 anos de prisão; Sauckel, morte por enforcamento; Jodl, morte por enforcamento; Seyss-Inquart, morte por enforcamento; Albert Speer, 20 anos de prisão; Von Neurath, 15 anos de prisão; Bormann, julgado à revelia, morte por enforcamento. Foram absolvidos: Schacht, von Papen e Fritsche.

A propósito vamos transcrever, do nosso prezado colega «Diário de Lisboa», as seguintes e oportunas considerações:

Nunca nos moveu um ódio contra ninguém, muito menos na hora em que escrevemos este artigo. Parece-nos que, perante a sentença que o Tribunal de Nuremberg vai pronunciar, dentro de horas, cada um de nós deve livrar-se de paixões, de fanatismos, de impulsões cegas e de julgamentos miseráveis para só ver a justiça. Só esta é soberana para condenar ou absolver, no fim dum processo em que há interesses e direitos superiores aos da guerra, porque são os da própria humanidade. O apuramento de responsabilidades está terminado, vindo-se claramente a massa das culpas e a distribuição delas pelos culpados. Uma das grandes conquistas da civilização foi este mandamento — «Não matarás». Matar a frio, racionalmente, deliberadamente, organizando um sistema universal de extermínio, é cousa única na história. Estudar a guerra, prepará-la como um assassino afia a navalha ou o punhal, desencana-la e espalha-la satanicamente repugna a consciência humana. Na própria Alemanha, sempre houve quem assim pensasse, mas se o não disse é que uma terrível mordada lhe tapava a boca. O cardeal-bispo de Colónia, no discurso que há dois dias pronunciou em Westminster, não se embaraçou a declarar que, desde o primeiro instante, protestou contra as barbaridades cometidas pelo nazismo. Não compareceu no Tribunal de Nuremberg um réu que teve o desassombro de confessar: — «Decorrerão mil anos, antes que o Mundo possa esquecer-se dos crimes praticados pelos alemães, nesta guerra feroz».

Não podiam ficar sem castigo as hediondas e celeradas «práticas» dos campos de concentração onde todos os venenos e perversões da história se juntaram numa monstruosidade sem exemplo. Quem limparia as lágrimas dos inocentes que pagaram pelo mal que outros, sem moral nem entrinhas, engendraram em seu nome? Os soluços abafados, em sornasmasmorras, não achariam algum dia uma voz livre, eloquente e arrebatada que os traduzisse na sua espantosa verdade? Os gritos trágicos e desesperados, e os sacrifícios sangrentos da Noruega, da França, da Rússia, da Dinamarca, da Polónia, da Jugoslávia, da Roménia, da Holanda, da Bélgica e do Luxemburgo e outros sumir-se-iam no esquecimento sem deixar rasto? Pense cada um, no sacrário inviolável do seu coração, nas tremendas chacinas de países e cidades e aldeias que, por alguns anos, viveram todo o «Inferno» de Dante — em chamas, martírios, cruzes, calvários, deportações, fomes e pestes, degredos, expiações por serem honrados, dignos e amigos das terras em que nasceram e amaram. E tudo isto para quê? Que troféus se alcançaram? Que seara cresceu e prosperou, com tamanha orgia de maldições e blasfêmias? O horror encheu o planeta que habitamos, como se todo ele fosse um pantano de víboras e vampiros. Poderia acaso haver repouso para as vítimas — à quem ou além da vida? O Tribunal de Nuremberg não é ódio nem vingança, visto que não obedeceu a outra preocupação, senão esta — purificar o Mundo das torpezas que o mancharam, ensanguentando-o. Haverá almas tão insensíveis, tão murchas na sua fé cristã, que se resignem à mudez dos que transigem, quando é necessário perdoar a quem o mereça e punir a quem se negou a qualquer forma de piedade? Acabem-se os rancores, ponham-se de parte sectarismos odiosos e expulsem-se do nosso peito as negras fermentações da maldade. Sejamos homens, em toda a latitude do termo, para nos contrapormos a quanto resta ainda de barbarie, de injustiça, de malvadez e de guerra de agressão! Olçamos o Tribunal de Nuremberg, com este pensamento redactor: — «Jamais, jamais, deixaremos de venerar a justiça!»

Rosas e Espinhos!

Querida Amiga:

Ainda deves ter bem presente na tua memória aquilo que te disse, há tempos, numa das minhas cartas, sobre o conceito de alguns homens, relativamente ao nosso sexo. Disse-te, então, entre outras cousas, que há homens que consideram a mulher uma escrava da sua existência e, portanto, sem direitos ou regalias, que, de facto, devem ter. Perante esse absurdo e deprimente raciocínio, li, há poucos dias, algumas considerações muito interessantes feitas pela escritora Nisa Baumann. Para que tenhas conhecimento delas e para que vejas que nós, mulheres portuguesas, não devemos formar fileiras em prol da nossa independência, mas que também não nos deveremos deixar subjugar ao espírito imperialista do homem, passo a transcrever alguns períodos de um artigo da referida escritora, intitulado «A independência das mulheres».

«Não pertencemos à falange das que abrem, plenamente, os braços à independência da mulher. Em boa verdade, enfileiramos mas é no grupo daquelas que perguntam: — Porque não há-de a mulher ser um tanto ou quanto dominada pelo homem? E' que — julgamos — a delicadeza feminina exige todear-se de certa generosidade, condescendência, cuidados atenciosos e tudo o mais. A falta de tal ambiente é que leva muitas vezes a mulher à batalha pela sua independência, fazendo-a proclamar, aos quatro ventos, que tem direito às mais amplas regalias.

A culpa, pois, é exclusivamente do homem que há muito se afastou das atenções devidas ao sexo fraco o qual possui certa maneira de ser, essencialmente delicado, e bastando o sentimento amoroso para o transformar num ente com por cento feminino. O homem, no entanto, parece não saber apreciar a mulher e abusa, constantemente, da sua apregoada força. E abusa, porque em vez de a dominar e atrair pela ternura, procurando guiá-la gentilmente, faz precisamente o contrário, tornando-a uma simples «qualquer coisa», por meio de atitudes que a mulher nunca teve nem terá. Verifica, entretanto, o choque entre a alma sensível feminina e o espírito imperialista do homem, resultando daí a faulha que leva à revolta e a pensamentos que a fazem olhar para o caminho da sua inteira liberdade. A mulher pretende, assim, destruir as correntes que a acham demasiado pesadas e fugir à asfixia em que se vê mergulhada de forma humilhante.

tando daí a faulha que leva à revolta e a pensamentos que a fazem olhar para o caminho da sua inteira liberdade. A mulher pretende, assim, destruir as correntes que a acham demasiado pesadas e fugir à asfixia em que se vê mergulhada de forma humilhante.

Se o homem aprendesse a dominá-la pela gentileza de atitudes, temos bem a certeza de que a mulher sentir-se-ia mais feliz e não procuraria uma independência que reputamos condenável.

Não seria belo a mulher manter aquele tom adorável de fragilidade delicada, sentir-se amada e defendida como um ser próprio de adoração?»

Como verás, querida amiga, o que eu acabo de transcrever em nada contraria o que já te disse; pelo contrário, confirma-o e isso é prova evidente de que apenas procuro interpretar, o melhor possível, os preceitos da boa doutrina. Tu, que essa conclusão deves ter tirado da leitura das minhas cartas, deverás, portanto, ser a primeira amiga a fazer-me essa justiça, isto é, a reconheceres que serei incapaz de desvirtuar a intenção das minhas afirmações. Sempre tenho dito o que preciso e o que sinto e podes crer que não trilharei outro caminho que não seja o da franqueza, lealdade e sinceridade, aquele por onde devem caminhar todas as pessoas de bem, no número das quais me considero. E como esta já vai longa, vou deixar-te em paz.

Beija-te e abraça-te a tua muito e muito amiga,
2/10/1946,
Maria Margarida.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão da Mesa de 4 de Outubro de 1946

Sob a presidência do Sr. Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, Vice-Provedor, reuniu-se a Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

da cidade

Diversas Notícias

Escolas Torres Carneiro

Vão muito adiantadas as obras de construção das novas Escolas TORRES CARNEIRO, na freguesia de Serzedelo, melhoramento que foi ordenado pela Câmara Municipal em cumprimento das disposições testamentárias daquele grande benemérito vimaranense.

Cemitério Municipal

A partir de hoje o Cemitério Municipal abrirá às 8 horas, encerrando às 17.

Como se aproxima o dia de Fiéis Defuntos, torna-se necessário que as pessoas que ali possuem jazigos e mausoléus, mandem proceder à sua limpeza.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural.

Prezado Amigo:

Vá ao XAVIER e não se arrependará.

HOJE À NOITE

Tem em exposição da Casa Xavier para apreciar.

Vida Católica

Nossa Senhora de Fátima, em Serzedelo — Nos próximos dias 12 e 13 realiza-se, na paróquia de Santa Cristina de Serzedelo, uma imponente festividade em honra de Nossa Senhora de Fátima, comemorando o 3.º centenário do Padroado. O muito digno Reitor da Freguesia, Rev. Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, procura imprimir às solenidades o maior esplendor, tendo elaborado, já, o seguinte programa: Dia 12, imponente procissão de velas e sermão.

Dia 13, às 7 e 9 horas, missas recadas e comunhão geral; às 11 horas, missa solene a grande instrumental com sermão; às 16 horas, sermão, imponente procissão com muitos andores e vistoso figurado, tomando parte na mesma as irmandades da paróquia e os organismos da Acção Católica, assim como a banda de música de Riba d'Ave.

Nos três dias que precedem as festividades haverá práticas preparatórias por um distinto orador sagrado.

BREVEMENTE no XAVIER, «A Semana das Meias».

A ABERTURA DA CAÇA

Começou no dia 1 a época venatória, ansiosamente esperada por milhares de pessoas que têm o mais vivo entusiasmo pelo popular desporto.

A ansiedade dos devotos de Santo Huberto tornara-se ainda maior em consequência abertura da caça ter começado quinze dias mais tarde do que é costume. Por isso foi com natural alvoroço que todos partiram para os campos, ao alvorecer daquele dia, munidos de suas espingardas, cães e succulentos farnéis, porque a caça exige grande esforço e resistência física.

Não obstante o mau tempo que esteve, principalmente depois do meio dia, fizeram-se boas caçadas.

dotar este Hospital de novas enfermarias e promover estudar as possibilidades de ampliação do actual edifício.

O Vogal Sr. António de Urgez dos Santos Simões comunicou também, que uma Comissão de Vizelleiros da presidência do Sr. Dr. Manuel António Bravo de Faria promoveu uma festa a favor do Hospital de Vizeira que rendeu Esc. 3.560\$00, produto este destinado à aquisição de material cirúrgico.

— A Mesa deliberou exarar na acta o seu reconhecimento à referida Comissão, pela feliz iniciativa tomada.

— Exarou na acta um voto de pesar pelo falecimento da irmã desta Misericórdia, D. Maria José de Castro.

— Verificou o cumprimento de todos os legados, o movimento de doentes e aprovou o balanço do Cofre apresentado pelo Sr. Tesoureiro.

— Foram registados, com muito agradecimento, os seguintes donativos: 20 alqueires de centeio da Ex.ª Sr.ª D. Júlia Leonor Pinheiro Machado Cardoso de Meneses; 40 alqueires de milho da Ex.ª Sr.ª Condessa de Margarida; 100\$00 do Sr. António Emílio da Costa Ribeiro, em sufrágio da alma de sua saudosa esposa.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 1, a senhora D. Adalina Soares Ribeiro Larangeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. José Larangeiro dos Reis; no dia 7, os nossos prezados amigos senhores Coronel António de Quadros Flores e Paulino de Magalhães; no dia 8, o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. António José de Oliveira; no dia 9, os nossos bons amigos srs. D. António Paço Vitorino (Visconde de Cortegaça) e Aníbal Dias Pereira; no dia 10, a senhora D. Maria da Madre de Deus Almeida Ribeiro, dedicada esposa do nosso querido amigo e importante industrial sr. José Torcato Ribeiro Júnior; a senhora D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, dedicada esposa do nosso prezado amigo sr. Dr. Mário Dias de Castro e os nossos prezados amigos srs. Dr. António Rodrigues da Rocha, Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro e Arnaldo de Sousa Guise; no dia 11, o nosso bom amigo sr. Bernardino Faria Martins e o menino Manuel José, filho do nosso prezado amigo sr. Amadeu José de Carvalho.

O «Notícias de Guimarães», apresenta a todas as senhoras e cavalheiros os seus cumprimentos de felicitações.

Dr. João Rocha dos Santos

Passa amanhã o aniversário natalício do nosso querido Amigo e distinto Advogado vimaranense Sr. Dr. João



Rocha dos Santos, que no nosso meio conta as melhores simpatias conquistadas pelas suas admiráveis qualidades de inteligência e de carácter.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos com os votos sinceros das suas maiores prosperidades pessoais.

Francisco Raimundo de Sousa Guise

Passa no próximo dia 10 o aniversário natalício deste respeitável vim-



aranense, figura veneranda que encarna na sua grande modestia invulgares qualidades de carácter e que todos os vimaranenses muito admiram e estimam.

Ao bondoso ancião — pai dos nossos queridos amigos srs. Albano de Sousa Guise, Arnaldo de Sousa Guise, Manuel de Sousa Guise, João Pedro de Sousa Guise, Joaquim Severo de Sousa Guise, Gonzalo de Sousa Guise, José de Sousa Guise e António de Sousa Guise e da esposa do também nosso bom amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos — apresentamos respeitosos cumprimentos com os melhores votos pela conservação da sua preciosa saúde.

Partidas e chegadas

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Também regressou, com sua família, das suas propriedades de Gomide (Pico de Regalados) o ilustre Provedor da Misericórdia e nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Meneses.

— Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. António Faria Martins, Eduardo Lage Jordão, Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. Alfredo Bravo, António Pimenta, Belarmino Mendes Pinheiro, Luís Gonzaga F. de Carvalho, David Martins, Lúcia António de Carvalho, Amadeu Machado, Eugénio Teixeira Leite Bastos, Bernardino Faria Martins, Joaquim António da Cunha Machado, João Xavier de Carvalho, Abílio Gonçalves, Avellino Mendes Ribeiro, Alberto Augusto Pinheiro, Francisco de Assis Costa Guimarães, António de Sousa Lima, José Mendes

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

A CAIXINHA DE SURPRESAS

Um filme musical deslumbrante e originalíssimo, falado em português. Uma maravilha de WALT DISNEY.

Quarta-feira, 9, às 21 horas:

O filme com lindas músicas e agradáveis melodias

A TENTAÇÃO DA SEREIA

com BETTY HUTTON e BING CROSBY.

Sexta-feira, 11, às 21 horas:

A MORTE DE UMA ILUSÃO

Um filme profundamente emocionante, sincero e humano, desempenhado por DOROTHY LAMOUR e ARTURO DE CORDOVA.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Luis Carlos Pereira Guimarães

Na sua residência, no lugar de Caneiros, freguesia de Fermentões (Santa Eulália), finou-se, ontem, após prolongados e cruciantes sofrimentos, o Sr. Luis Carlos Pereira Guimarães, viúvo, de 76 anos, pai do Sr. Adão Carlos Pereira Guimarães.

O extinto, que dirigia, há bastantes anos, o Fabrico Manual de Caneiros, de que é proprietário o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, foi, durante anos, Presidente da Junta daquela freguesia, tendo sabido conquistar, pelo seu excelente carácter e óptimas qualidades de trabalho a estima de toda a gente, motivo por que a sua morte foi bastante sentida.

O seu funeral efectua-se hoje, às 9 horas, da sua residência para a igreja paroquial de Fermentões, onde serão resados os resposos por sua alma.

Que descanse em paz o bom amigo. Aos seus, o nosso pesar

D. Maria José de Castro

Por ter derrubado inesperadamente uma sacada da sua quinta da Rocha, freguesia de S. Martinho de Sande, onde se encontrava, finou-se, no domingo, a senhora D. Maria José de Castro, solteira, de 72 anos, irmã da senhora D. Custódia do Sacramento Alves de Castro e tia dos nossos prezados amigos srs. Aprijo Neves de Castro, Alvaro Neves de Castro, Augusto Neves de Castro e Alberto Neves de Castro e das senhoras D. Beatriz Neves de Castro, D. Luísa Neves de Castro, D. Maria Alice Neves de Castro, D. Antónia Neves de Castro e D. Armanda Neves de Castro e tia afim dos também nossos prezados amigos srs. João A. da Silva Guimarães e Rogério da Silva Crespo Guimarães.

O seu funeral, que foi bastante concorrido, realizou-se na terça-feira na igreja da Misericórdia, de onde o cadáver foi trasladado, após os officios fúnebres, para o cemitério de Atougia.

Os nossos pêsames à família do-rida.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra e avó, respectivamente, a Sr.ª D. Ermelinda da Assunção de Lemos Rocha Vale Guimarães, ocorrido há dias em Aveiro, encontram-se de luto os nossos queridos amigos Srs. Dr. João Aires de Azevedo e Dr. Fernando Aires de Azevedo, aos quais apresentamos os nossos sentimentos pêsames.

Lembramos-lhe a Casa Xavier o «Paraíso das Meias».

A Loja dos Calceiros espera-o.

Vendem-se lindos cortes para XAVIER. Aonde? No XAVIER.

Do Concelho

Gondar, 25 de Setembro — Por motivo das obras de restauro que estão a fazer-se na residência paroquial, não se realiza este ano a costumada festa a N. S.ª do Rosário, que aqui atrai sempre muitas pessoas das freguesias circunvizinhas e dessa cidade.

— Consta nos que dentro em breve será fornecida a esta freguesia a tão desejada corrente eléctrica. A confirmar-se esta agradável notícia veremos com a maior satisfação converter-se em realidade um sonho muito antigo dos habitantes de Gondar.

— Encontra-se nas suas propriedades de Serzedelo o Sr. Narciso Guimarães e suas dedicadas filhas que após as colheitas regressarão ao Porto. — C.

Atenção à 4.ª página

FUTEBOL

O Vitória perdeu com o Vianense por 5-3

Contra o que era de esperar, o Vitória, no domingo passado, foi batido em Viana do Castelo, por 5-3. E contra o que era de esperar, dizemos, porque, no transacto domingo, o Vianense fôra derrotado em Fafe por 6-2 e os fafenses oito dias antes disso tinham sucumbido, no campo da Amorosa, perante o Vitória, por 10-1.

Mas, o futebol tem destas coisas, nem sempre ganhando o que mais vale.

Para lamentar é apenas o facto de o Vitória ter perdido o jogo devido a *anormalidades* e não ao valor da exibição do Vianense.

De facto, o triunfo dêste ficou devendo à falta de autoridade da arbitragem, ao ambiente de hostilidade que envolveu o Vitória e ainda à

má tarde do guardião vimaranense que, enervado por ter sofrido inglôriamente o primeiro tento, nunca mais pôde fazer nada de jeito a favor da sua equipe.

De resto, os vimaranenses enquanto puderam jogar demonstraram categoria mais que suficiente para, dentro da normalidade, bater largamente o adversário.

José Brioso, que ocupou o posto de avançado-centro, foi que marcou os três tentos dos vimaranenses.

Em «Reservas», o Vitória triunfou por 3-0.

Hoje vem à «Amorosa» o Gil Vicente, de Barcelos.

J. G. F.

CONGREGAÇÃO
das Filhas de Maria da cidade de Guimarães

AGRADECIMENTO

A Direcção da Congregação das Filhas de Maria, penhoradíssima pelo bom acolhimento que os católicos de todo o concelho dispensaram ao pedidório para a coroa de Nossa Senhora da Penha, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que contribuíram para o êxito do mesmo pedidório, e especialmente manifestar o seu reconhecimento à Imprensa local, — jornais «Comércio de Guimarães» e «Notícias de Guimarães», — e aos Revs. párocos que tão benevolamente quiseram secundar os esforços desta Direcção.

Estando ainda por concluir os trabalhos de adaptação da coroa à nova imagem de Nossa Senhora, e verificando-se que ainda há grandes despesas a fazer, a Direcção da Congregação das Filhas de Maria não considera encerrado o pedidório, podendo assim associar-se à homenagem prestada à Nossa Senhora as pessoas que por qualquer motivo o não puderam até hoje fazer.

Aos novos subscritores estende a Direcção desta Congregação o presente agradecimento, e, para eles, como para quantos já corresponderam ao seu apelo, as Filhas de Maria ficam pedindo a protecção da Santíssima Virgem e as maiores felicidades.

Guimarães, 1 de Outubro de 1946.

A Direcção — Padre João da Cruz Magro, Adelaide Moniz Coelho, Rosalina Alcina M. de Magalhães e Couto, Joana Meneses Bastos e Maria Pereira de Freitas.

DESPEDIDA

Por ter de ausentar-me para o Rio de Janeiro (Brasil), onde vou dedicar-me ao comércio e não tendo tempo para poder pessoalmente despedir-me de todas as pessoas amigas, venho, por este meio, fazê-lo, oferecendo os meus poucos préstimos naquele País e desejando a todos aqueles com quem de mais perto convivi as maiores felicidades.

Guimarães, 30 de Setembro de 1946.

José Antunes da Cunha.

IRMANDADE DE S. TORCATO

O Juiz da Irmandade de S. Torcato convida todos os irmãos a reunirem-se em Assembleia Geral, na sua sede, às 10 horas do dia 7 do próximo mês de Outubro, a fim de elegerem a Mesa que há-de administrá-la nos anos de 1947 e 1948.

Se nesse dia não houver o número suficiente de irmãos para o funcionamento da Assembleia, fica transferida para dia 14 do mesmo mês e à mesma hora.

S. Torcato, 26 de Setembro de 1946.

O Juiz,

Francisco Ribeiro de Faria.

II CONGRESSO MARIANO NACIONAL

Exposição de Arte Sacra

Um dos números culturais mais interessantes do II Congresso Nacional Mariano será a Exposição diocesana de Arte Sacra, que abrirá em Evora no dia 16 de Outubro, véspera da inauguração do Congresso, na magnificente igreja de Santo Antão, mesmo no coração da Cidade-Museu.

Construída pelo Cardeal Arcebispo D. Henrique no lugar onde antes existia uma ermida gótica da mesma invocação na qual D. Dinis reunira Cortes em 1286, a igreja de Santo Antão anda ligada à história das Alterações de 1637, pois ali se congregaram o Arcebispo D. João Coutinho e a nobreza de Evora para tomarem conta do governo da Cidade, que sacudira o jugo de Castela.

O seu recheio artístico é valioso. O altar-mor tem um frontal marmóreo do século XIII, com um Apostolado romano-gótico em baixo relevo. Na capela-mor admiram-se um outro frontal e uma capa de Santo Antão bordado a ouro sobre linhagem, do século XVI. Possui belos azulejos quinhentistas e seiscentistas, e quadros de valor da autoria de Jerónimo Corte Real, Vieira Lusitano e Bento Coelho da Silveira. O seu tesouro, notável em ourivesaria dos séculos XVI e XVII, é o mais importante depois do da Sé.

A Exposição de Arte Sacra compreenderá, entre outras, as seguintes secções:

I - **Oupivesaria**: — Cálices, cibórios, custódias, urnas e cofres para conter o Santíssimo Sacramento, turíbulo e navetas, imagens de prata e de ouro, relicários, cruces processionais e de altar, castiçais, sacras, lâminas, bandejas e pratos de esmolos, rosários, tinteiros, anéis e outros adornos, etc.

II - **Paramentaria**: — Pluviais, casulas, dalmáticas, frontais, panos de estante e de púlpito, veus de ombros, coberturas de cibórios, mantos de imagens, umbelas, pavilhões, porta-coeli, veus estampados, missais com ferragens, baldaquinos em forma de missais.

III - **Imagens**: — De madeira, marfim, terra cota e de pedra, presépios, oratórios, conchas, etc.

IV - **Secção da Imaculada Conceição**: — A) **Iconografia**: imagens, quadros, fotografias, gravuras, registos, verónicas, condecorações e medalhas de Nossa Senhora da Conceição.

A Secção relativa à imaculada Conceição não compreende só objectos de notável valor artístico e arqueológico, como deve ser característica das outras secções, mas tudo o que diga respeito ao culto de Nossa Senhora da Conceição em Portugal, desde os tempos mais recuados até aos actuais.

Pede-se a todas as pessoas da Arquidiocese de Evora ou de fora da Arquidiocese, nomeadamente aos Rev. Párocos e Reitores de igrejas, que tenham em seu poder ou à sua guarda, objectos compreendidos na lista citada e que pertençam ou tenham pertencido à Arquidiocese eborense, o favor de informarem a esse respeito, a Comissão da Exposição de Arte Sacra do II Congresso Mariano Nacional, L. da Sé, 6 — Evora.

VENDE-SE casa bem situada

Com duas frentes: Rua de Francisco Agra, n.º 21 e 23 e Rua de Gil Vicente, n.º 2.

Para mais informes, tratar com Pinto & Companhia (Casa Ferro). 252

Câmara Municipal de Guimarães

EDITAL

Remissão de Foros

A Câmara Municipal do Concelho de Guimarães faz público que, para cumprimento do disposto no § único do artigo 722.º do Código Administrativo, deliberou, em sua reunião ordinária de 11 de Setembro corrente, promover a remissão obrigatória dos foros de que é credora.

Para isso, deverão os enfiteutas examinar, dentro do prazo de trinta dias, a contar da presente data, a lista e liquidação dos foros a reunir, a qual se encontra patente na Secretaria desta Câmara, em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas. Dentro do mesmo prazo poderão os interessados deduzir oposição perante a Câmara Municipal contra a liquidação feita e da decisão desta sobre a oposição poderão ainda interpor, dentro de oito dias, para o tribunal judicial da comarca e respectivo recurso.

Não usando qualquer destes direitos, deverão os enfiteutas solicitar na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do prazo de sessenta dias, findos que sejam os trinta acima fixados, guias para depósito do preço da remissão.

Decorrido este prazo sem que as guias tenham sido solicitadas, proceder-se-á à respectiva execução fiscal, nos termos da legislação em vigor.

Mais se torna público que, além do preço da remissão, fica o enfiteuta obrigado ao pagamento da sisa devida a efectuar no momento da remissão.

E para constar se fez este e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares públicos do costume.

Guimarães e Paços do Concelho, 12 de Setembro de 1946.

O Presidente da Câmara, Fernando Manuel de Castro Gonçalves.

Ao Convento da Costa

Tarde de verão, amena, a caminho da Costa, um grupo de amigos passeando e gozando as delícias dum ar tão puro dos nossos lindos arrabaldes (como a poucas terras será dado possuir) para purificar os pulmões, após uma semana censeirosa num ambiente pouco saudável.

Vamos cavaqueando alegremente a ofuscar as tristezas e misérias que no mundo passam e à nossa volta tão frequente se encontram, e tantas arrelhas o mais descuidado e desprezado de responsabilidades hoje é obrigado a sentir.

Depois duma vista à igreja e devidamente autorizados, atravessamos uma linda capela e um extenso corredor de soalho já gasto pelo tempo, e nas suas paredes laterais azulejos azuis com motivos guerreiros e votivos, fomos dar a um patamar com uma linda taça em pedra jorrando água.

Descendo, estamos em pleno parque, possivelmente a caminho da nossa tão encantadora e bela Penha, se as ideias da caminhada não fossem ter ficado por ali.

Depois de umas voltas aos arruados da linda mata tão fresca, onde se encontram árvores já tão velhinhas e gastas do tempo em convívio fraterno com as suas irmãs mais novas, enroscadas em arbustos de tanta variedade.

E a natureza a cantar a vida é a nossa alma encantada de tanta frescura e beleza, de tanta vida.

Ingressamos no jardim e afirmamos o arranjo dos canteiros, as murtas e os verdes a formar aves e animais, largos corrimões de verdura a ladear a escadaria, tão bem tratados e recortados, que ficamos surpresos de tanta arte e canseira, certos de que foram precisos muitos anos para tal apresentação de verdadeira mestria na arte de jardinar.

Depois do espírito satisfeito e repleto de tantos encantos, fomos satisfazer o estomago, descendo então ao povoado.

Vale bem a pena perder algumas horas de enlevo no jardim e mata da Costa.

Aurêlio Martins.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

Aos Srs. Caçadores

Façam os seus sortidos na casa

LEITE & LEITE,

no Largo do Tournal, 67, junto à Casa Gomes Alves, e lá encontraréis as melhores pólvoras nacionais e estrangeiras, assim como os afamados tiros carregados da acreditada Casa BARRAL.

ARLUZ

ESTORES DE MADEIRA E CAIXILHOS MECANICOS DE GUILHOTINA

Peçam orçamentos aos agentes em Guimarães:

SOUSA & FERREIRA, L. DA
L. 28 de Maio, 7

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES DE NAVEGAÇÃO



Casa fundada em 1892
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PORTO

Telefones 73 e Estado 57
CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Tournal, 70 a 73

Telefone N.º 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Preventive, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Botaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS.

PIANO (Alemão)

7 1/4 de oitavas, 3 pedais, etc. Maravilhoso e único no género. Vende-se no Porto, particularmente. Falar a António José Ferreira (Afinador de Pianos), Rua do Souto, 135 — Braga.

Barba de milho bem seca e limpa. Compre, em S. Paio de Vizeira, José da Silva Nicolau. 258

PIANO

VENDE-SE, armado em ferro. Informa o Abade de Santo Tirso. 526

VENDE-SE

Uma armação toda envidraçada e balcão próprio para estabelecimento de mercearia, tecidos ou miudezas. Pode ver-se montada na Empresa Têxtil da Cuca, Lda, em Moreira de Cónegos. 246

ACONSELHE AO SEU AMIGO
SANODENTAL
UM CRÉMÉ DENTIFRÍCO INCOMPARAVEL

Lêde e propague o «Notícias de Guimarães»